

CARNE DE BICHO, CARNE DE GENTE

Luciano Cabral

dispostos quase em círculo, os sete estão na sala, olham uns para os outros sem trocar palavra, um na poltrona, dois em um sofá, outro na cadeira de balanço, dois em outro sofá, um sentado no tapete, nenhum deles é capaz de abafar o gemido do estômago, sentado na poltrona, o velho segura um cachimbo com o forninho vazio, de tempos em tempos, leva o cachimbo até a boca e suga o ar que chega, no sofá maior, duas meninas em trajes e posições idênticos, as costas recostadas, os pés sem tocar o tapete, os olhos sendo movidos para olhar os outros sem que a cabeça se mova, chupam as pontas dos dedos um a um, as tranças são amarradas com presilhas de borboletas, os vestidos são azuis com pequeníssimos desenhos coloridos, sapatos engraxados e meias brancas esticadas até os joelhos, no outro sofá, dois meninos sentados com as costas arqueadas para frente, alguns anos mais velhos que as meninas, um deles suporta o cotovelo na perna e morde os cantos dos dedos, seus olhos demoram a piscar, fixos no cachimbo apagado do velho, o outro menino não é tão comportado, nem seus movimentos são pequenos, balança os pés, produzindo um som surdo quando os calcanhares batem contra o sofá, lambe as palmas das mãos mas a língua seca não ajuda, o menor deles brinca com uma mandíbula, esfrega-a no tapete e a traz até a boca, o brinquedo parece entretê-lo mas o lamento que sai do seu umbigo logo o faz chorar, na cadeira de balanço, uma senhora tricota, usa óculos de lentes pequenas e os deixa na ponta do nariz, “alguém pode fazer o Davi parar de chorar?”, Pedro deixa de apoiar o cotovelo sobre a perna, recosta no sofá mas continua mordendo os cantos dos dedos, “eu também não aguento esse choro”, “eu não aguento é você batendo o pé no sofá”, “não aguento também”, “só porque a Raquel falou, você falou também, só faz o que ela faz”, “não é nada”, “é sim”, “não é não”, “é sim”, “não é”, “é sim”, Paulo bate os calcanhares com mais força enquanto contesta, “é porque nós somos gêmeas”, “é, nós somos irmãs gêmeas”, Pedro para de morder os dedos para entrar na conversa, “gêmeos nascem no mesmo dia, você é mais velha do que ela”, “então, por que nossa roupa é igual?”, “elas usam roupas iguais porque querem, deixa suas irmãs em paz”, “vó, foi ele quem

começou”, Jezebel faz um gesto com a mão para que parem a discussão, conserta os óculos no rosto, levanta da cadeira, põe os utensílios de tricô no assento e pega Davi no colo, limpa suas lágrimas e beija sua testa, “o problema de vocês é fome, eu vou fazer arroz, quem quer arroz?”, não há resposta, “então, não tem ninguém com fome”, “eu quero carne!”, Paulo bate os calcanhares no sofá, “eu estou com fome”, “eu também”, Jezebel está no caminho para a cozinha, “vocês querem ou não querem arroz?”, “eu queria carne”, Pedro passa a mão na barriga, “eu vou esperar o papai e a mamãe chegar”, “eu também”, “se ninguém quer, eu não vou fazer”, ela volta para a cadeira de balanço com Davi no colo, “a gente queria carne”, a mão de Pedro ainda alisa a barriga, “carne! carne! carne! carne!”, Paulo não para de repetir a palavra, junto com ela, vem as pancadas no sofá, Bartolomeu balança a cabeça, Raquel começa a acompanhar o irmão batendo palmas, Rute, vendo a irmã, começa a bater palmas também, “carne! carne! carne! carne!”, Bartolomeu larga o cachimbo para acompanhar o coro das crianças, Pedro bate nas pernas, move mais os dedos, “carne! carne! carne! carne!”, Davi fica encantado com a algazarra e para de chorar, bate as mãos e ri, Jezebel ri com o neto e começa a cantar no compasso dos outros, “carne! carne! carne! carne!”, todos se levantam, estão juntos, ritmados com mãos, cabeças e calcanhares, Paulo inicia a roda, logo atrás Pedro, Raquel, Rute, Jezebel com Davi e Bartolomeu, passam a dar voltas sobre o tapete da sala, “carne! carne! carne! carne!”, “mãe”, “pai”, a porta é aberta e as crianças correm para abraçar os pais, Davi abre os braços para a mãe quando a vê, eles carregam duas sacolas e não parecem alegres, “é cada vez menos que vocês trazem”, Jezebel entrega Davi a Rebeca e estende a mão para as sacolas, “deixa que eu levo essa, mãe”, Isaque respira o cansaço e vai para a cozinha, Jezebel pega a sacola de Rebeca, “está mais difícil, dona Jezebel”, Rebeca embala Davi e ouve a queixa, “eu sei disso, a culpa não é de vocês, eu sei, é que eu nunca pensei que eu fosse viver pra ver esse dia”, Rebeca nota o rosto úmido do filho, “Davi estava chorando?”, seca suas lágrimas com a bainha da blusa, “estava”, “por quê?”, “fome, como todos nós”, as duas entram na cozinha, Bartolomeu pega o cachimbo que havia deixado na poltrona, dá uma tragada e vai sentando vagarosamente na poltrona, “eles vão dar um jeito, como sempre, meu avô contava, e disso eu lembro, ele contava que, quando a carne dos bichos acabou, teve briga, teve revolta, teve incêndio, mas acharam como conseguir outra carne”, “carne de bicho, vô?”, Paulo senta-se no

braço da poltrona, “você comeu carne de bicho?”, “não, já era proibido na minha época”, para participar da conversa, Pedro senta-se aos pés do avô e morde os dedos, “e seu avô comeu?”, “ele dizia que sim, dizia que era muito boa, era macia, melhor que carne de gente”, atentos ao avô, os meninos ruminam o que acabam de ouvir, Pedro engole o pedaço de pele mordida e tira o dedo da boca, “eles podem proibir a gente de comer carne também um dia?”, Bartolomeu esfrega a mão nos cabelos do neto, “não se preocupa, vai ter sempre de onde tirar carne”, carregando os pratos para preparar a mesa, Isaque mete-se na conversa, “as prisões sempre existiram, filho, e vão continuar existindo, a carne não vai acabar assim não”, “eu tenho setenta e nove anos, nunca vi cadeia vazia, isso é só uma fase ruim, enquanto tiver delinquente, tem carne”, “eu estou com fome!”, Paulo salta do braço da poltrona e corre para sentar-se de volta no sofá, Rebeca sai da cozinha e põe Davi sobre o tapete, ele avista a mandíbula e vai engatinhando até ela, “espera só mais um pouquinho, pode ser? você não é o único com fome”, antes de voltar para a cozinha, ela olha para Paulo, “e fica de olho no teu irmão”, Pedro ainda ruma o assunto, “será que um dia a gente volta a comer carne de bicho, vô?”, Bartolomeu, com o cachimbo na boca, apenas ergue os ombros, “eu não ia comer”, “eu também não”, Paulo acalcanha o sofá, “eu ia, é carne, eu como qualquer tipo de carne, eu podia comer até o Davi!”, depois de outra pancada, ele arregala os olhos para o irmão, Bartolomeu suga o cachimbo e também passa a admirar o neto, Pedro, agora concentrado em Davi, volta a roer os cantos dos dedos, Rute e Raquel ajeitam-se no sofá e viram a cabeça na direção do irmãozinho, Isaque senta-se na cadeira de balanço e sorri para o filho, que permanece indiferente à atenção que cresce sobre ele.